

### XXXI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA INTERNACIONAL

New York, 29 de Julho a 3 de Agosto de 1979

*Os Congressos Internacionais de Psicanálise, que até há pouco tinham lugar exclusivamente na Europa, deslocaram-se pela primeira vez para longe do nosso Continente desde 1977, com a realização do Congresso de Jerusalém. Este ano coube a New York a recepção dos psicanalistas de todo o mundo. Porque razão não tinha ainda havido um Congresso no país onde os psicanalistas são mais numerosas? As razões habitualmente citadas eram o preço da vida nos Estados Unidos, a carestia dos transportes para atravessar o Atlântico. A inflação que se verifica em todos os países europeus tornou hoje estes argumentos aleatórios.*

*Este Congresso não teve um tema único ou predominante, como aconteceu em outras ocasiões. Havia vários temas clínicos de igual importância, que foram agrupados sob a designação colectiva de «Problemas Clínicos em Psicanálise».*

*Na manhã do dia 30 de Julho houve a Sessão Inaugural preenchida fundamentalmente com a alocução do Dr. Edward D. Joseph, Presidente da Associação Psicanalítica Internacional (A.P.I.). Na tarde do mesmo dia tiveram início três Painéis simultâneos:*

*1) Fase terminal da Psicanálise (Moderador A. Rilton, trabalhos H. S. Gaskill e L. Grinberg, discussão S. Lebovici).*

*2) Reconstrução em Psicanálise de Adultos (Moderador Ph. Greenacre, trabalhos H. P. Blum e E. Brenman, discussão W. Zusan).*

*3) Resistência e Psicanálise de adultos (Moderador J. de Saussure, trabalhos P. A. Dewald e D. Rosenfeld, discussão D. Widlöcher).*

*Estes Painéis foram seguidos de discussão colectiva organizada em 6 a 7 grupos de trabalho.*

*No dia 31 de Julho de manhã houve uma Sessão Plenária dedicada ao Ciclo Vital (Life Cycle) de E. H. Erikson. Nesta Sessão Plenária foram apresentados trabalhos sobre o Ciclo Vital na sua fase infantil (P. B. Neubauer), adolescente (P. Blos) e adulta (P. King).*

*No mesmo dia, à tarde, houve mais três Painéis simultâneos:*

*1) Realidade Exterior e Clínica Psicanalítica (Moderador R. Moses, trabalhos L. Feder e P. C. Racamier, discussão J. McLaughlin).*

*2) Tratamento Psicanalítico de doentes com doenças físicas (Moderador P. Luzes, trabalhos A. Lusier e C. York, discussão P. Castelnuovo-Tedesco).*

*3) Formulação da interpretação psicanalítica (Moderador C. Plata-Mujica, trabalhos J. Klauber e P. Ornstein, discussão S. Jaffe).*

*Estes Painéis foram seguidos de discussão colectiva nos mesmos moldes dos seguidos no dia anterior.*

*O dia 1 de Agosto foi consagrado à reunião administrativa da A.P.I., que toma as decisões essenciais sobre todos os assuntos pendentes, referentes ao biénio que medeia entre cada dois Congressos Internacionais.*

*No dia 2 de Agosto houve a apresentação simultânea de 32 trabalhos individuais, durante a manhã e a tarde, sendo tratados os mais variados temas.*

*O último dia do Congresso, 3 de Agosto, foi dedicado a uma conferência por uma grande figura mundial da Psicanálise — Erik H. Erikson. Depois de recapitular os seus oito estádios*

do desenvolvimento «psico-social» Erikson apontou para dificuldades contemporâneas que podem surgir na fase adulta (estádio VII) em que há oposição entre criatividade e autocentrção (ou egocentrismo). O predomínio do egocentrismo pode levar a uma recusa de ter filhos, de se ocupar com os problemas das gerações vindouras. Esta repressão do instinto procriador, afirmou Erikson, é uma forma de recalca-mento sexual, diferente de outras formas de recalca-mento já melhor conhecidas. Pode conduzir também a sintomas neuróticos e mesmo à depressão. Há tendência a substituir a procriação por outras actividades de tipo «criador» podendo estas últimas ter ou não um valor de sublimação, segundo os casos.

Erikson apontou no campo cultural para a existência de outros perigos, nomeadamente a criação de subespécies artificiais (pseudo-speciation). Com esta designação pretendia ele indicar a tendência moderna da Humanidade para

se agrupar em colectividades artificiais — nações, raças e classes. Estes grupos tendem a mitificar-se como supremos entre a raça humana, eleitos pela Divindade ou pela História e a considerar os outros humanos como inferiores ou não humanos.

Esta conferência de Erikson foi seguida de uma mesa-redonda entre ele e os três principais participantes da Sessão Plenária do dia 31 (Neubauer, Blos e King) que já tinham tomado o Ciclo Vital como tema das suas comunicações.

O Congresso concluiu os seus trabalhos na tarde do mesmo dia com uma sessão com todos os congressistas em que foram feitos a avaliação e resumo final dos temas tratados.

Havia 2300 participantes neste Congresso Internacional. A Sociedade Portuguesa de Psicanálise fez-se representar por uma delegação dos seus Membros, tendo o signatário dirigido um Painel e apresentado um trabalho.

PEDRO LUZES

## LEITURAS

NORMAN HEIMSTRA, LESLIE H. McFARLING — *Psicologia Ambiental*, EPU, São Paulo, 1978 [tradução de M. A. Schmidt, a partir do original americano *Environmental Psychology*, Brooks/Cole Pub. Company, Monterey, Califórnia, 1974]. XII+218 páginas, 690\$00.

Esta tradução brasileira da obra introdutória à problemática e métodos da psicologia ambiental acima referenciada apresenta em seu favor o ser, tanto quanto sabemos, a primeira que é consagrada a este domínio, em editores de língua portuguesa. Obra sem grandes pretensões teóricas, reflectindo de certo modo o estado de desenvolvimento da própria psicologia ambiental, sem se arraigar a um modelo específico de análise (como é o caso de outra obra de introdução a este domínio, a de Mehabian e Russell, *An approach to environmental psychology*, que parte do modelo teórico da activação), este livro de Heimstra e McFarling apresenta contudo uma análise cuidada de alguns tópicos de base da psicologia ambiental, nomeadamente no campo da proxémica e da psico-sociologia da espacialidade.

Tomando como objecto da psicologia ambiental o ambiente *construído* (limitação que é francamente discutível, mas nem por isso fora do consenso de grande parte dos ecopsicólogos), Heimstra e McFarling discutem os problemas funcionais levantados ao projectista pelos dados de que se dispõe acerca do impacto

das formas e outras características físicas dos ambientes construídos no comportamento humano, em empresas, em escolas, em instituições psiquiátricas. A temática da territorialidade humana não está, evidentemente, ausente desta discussão, e são reanalisados os dados fornecidos pelas pesquisas de um Sommer, um Altman, um Essen.

O comportamento do homem urbano e a percepção da cidade são outra questão privilegiada na obra referenciada, com ampla referência aos estudos de Lynch e de Milgram, de Zimbardo e de Mann.

Mas, apesar da contração nos ambientes «construídos», os ambientes «naturais» nem por isso são esquecidos por Heimstra e McFarling: os espaços naturais de recreio, parques nacionais e outras áreas verdes, as características e os comportamentos dos seus utentes, as motivações subjacentes à sua crescente procura, a percepção das paisagens.

A parte final da obra é dedicada ao «ambiente como fonte de ameaça», e ao conceito de *stress* ambiental, nomeadamente o que pode advir da sobreconcentração populacional, nos animais e nos homens, e da exposição repetida (ou até permanente) a factores de desequilíbrio ecológico: poluição da água, do ar, ruído, etc.

Uma obra de interesse num campo cada vez mais urgente.

LUIS SOCZKA